



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario N. 11, Vol. 2 (2017)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.fe.unicamp.br

CAMINHOS DA FORMAÇÃO PARA UM EXERCÍCIO DO PENSAR

Cesira Elisa de Fávori¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar contribuições da produção textual, *Carta a Ernest* (2012), resultado de um exercício da disciplina optativa “Filosofia com crianças” oferecida pelo curso de Pedagogia da FCLAr – UNESP. Sob a orientação de escrever uma carta a uma criança, tal tarefa de escrita surgiu paralelamente à leitura de *A Câmara Clara* de Roland Barthes (1984), obra inicial que trouxe a fotografia e a escrita como um caminho para movimentar o próprio pensar. Afinal, o que fez com que a escrita de uma carta se tornasse tão importante, em meio a tantas propostas no decorrer da formação em Pedagogia? *Carta a Ernest* se fez como acolhimento de conceitos para reconhecer não apenas o detalhe que despertou o pensamento, mas que fez gerar outros tantos detalhes, para que então o pensamento continuasse a se mover.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, campus Araraquara. Mestrado em Educação Escolar e atualmente aluna regular do curso de Doutorado em Educação Escolar do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, sob a orientação da Prof^a Dr^a Paula Ramos de Oliveira. cesira_favari@yahoo.com.br
FCLAr – UNESP

Palavras-chave: Carta. Exercício. Pensamento

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo presentar contribuciones de la producción textual, Carta a Ernest (2012), resultado de un ejercicio de la disciplina optativa "Filosofía con niños" ofrecida por el curso de Pedagogía de la FCLAr - UNESP. Bajo la orientación de escribir una carta a un niño, tal tarea de escritura surgió paralelamente a la lectura de la Cámara Clara de Roland Barthes (1984), obra inicial que traía la fotografía y la escritura como un camino para mover el propio pensamiento. Al final, ¿qué hizo que la escritura de una carta se hiciera tan importante, en medio de tantas propuestas en el curso de la formación en Pedagogía? La carta a Ernest se hizo como acogida de conceptos para reconocer no sólo el detalle que despertó el pensamiento, sino que hizo generar otros tantos detalles, para que entonces el pensamiento continuase a moverse.

Palabras clave: Carta. Ejercicio. Pensamiento

Os antecedentes de nosso problema surgiram quando, na disciplina optativa "Filosofia com crianças" do curso de Pedagogia da FCLAr - UNESP, a turma recebeu a orientação para escrever uma carta a uma criança. Considerando as experiências de elaboração de trabalhos para conclusão de disciplinas e frente a essa incomum proposta, acabamos por dar início ao questionamento sobre o ato da escrita.

O novo olhar à produção deste trabalho fugia de técnicas habitualmente desenvolvidas e, então, afinal, poderíamos nos apoiar em textos e autores? Poderia ser um exercício da imaginação? Nós nos basearíamos em casos verídicos ou desenvolveríamos ficção? Sem direcionamentos, a responsabilidade da escrita parecia maior. Essas perguntas aflitas por maiores detalhes surgiram, mas o pedido da professora era direto e preciso. Até mesmo a mais frequente pergunta sobre a quantidade de páginas não foi respondida. Tantas possibilidades surgiram em uma classe com a média de 40 alunos, e apresentamos aqui uma versão; uma possibilidade. Tal tarefa de escrita surgiu paralelamente à leitura da obra "A Câmara Clara" de Roland Barthes (1984)

que fazia parte da pesquisa de Iniciação Científica CNPq/CAPES e tinha como objetivo investigar a relação da fotografia com a filosofia. Esse estudo culminou na proposta de dissertação “Um exercício de pensamento: entre a fotografia e a escrita”, defendida em 2016 e que tinha como objetivo atentarmos ao mundo do estudante e aos detalhes que indicam caminhos para o pensar e para a criação. Propôs que como estudantes é preciso confiar no que nos afeta, mesmo sabendo que a construção desse caminho leva tempo e dedicação.

E pelo campo dos afetos o referencial teórico foi escolhido. Em “A Câmara Clara” o autor apresentava alguns conceitos criados especialmente para saciar o desejo que tinha em poder explicar o que movia seus pensamentos, ao entrar em contato com fotografias. Entre conceitos, o principal deles é o *punctum*. De acordo com Ronaldo Entler (2006: 7): “[...] o *punctum* é algo que parece decorrer da própria imagem, algo que lhe toca independentemente daquilo que seu olhar busca.” São detalhes como uma pequena mancha, o posicionamento das mãos de alguém retratado, uma mecha de cabelo e outras tantas e infinitas possibilidades que pode conter uma imagem e que dispara, naquele que a vê, tantos pensamentos. Enquanto tentativa de fuga de análises que não permitia ao autor demonstrar o processo de seu pensamento, *Punctum* nega pensar apenas em interpretações históricas e sociológicas da fotografia.

Entre a compreensão de conceitos e no processo de fichamento dessa obra, por motivação de uma foto, entre tantas outras imagens presentes no livro, encontramos a criança a quem era preciso destinar a carta:



*“É possível que Ernest
ainda viva hoje em dia:
mas onde? como? Que romance!”*

A. Kertész: Ernest, Paris, 1931.

Fonte: (Barthes,1984: 126).

A ideia para o trabalho da disciplina “Filosofia com crianças” surgiu, assim, em meio a outra atividade acadêmica e rapidamente a estrutura da carta tinha tomado sua primeira forma. Foram precisos poucos retoques, apenas detalhes de correção gramatical. A carta, como aqui apresentamos, é o fluxo de pensamento que se desenrolou a partir da leitura realizada no período e que foi sintetizada a partir de uma única imagem fotográfica. Na maioria das vezes, as primeiras palavras do texto podem surgir sem conter um pensamento preciso ou verdadeiro. Parágrafos da escrita habitual que têm pouco a dizer. Mas com a carta foi diferente. As palavras saíram com urgência para acompanhar o pensamento. E elas saíram em “Carta a Ernest”:

Olá Ernest. Sou Cesira, tenho 26 anos e, apesar de já ter terminado o último ano do colégio há um bom tempo, ainda sou estudante. Quando era criança, mais ou menos da sua idade, vivia perguntando para meu pai quando é que se parava de estudar. Sua resposta me desanimava um pouco, pois parecia que esse negócio de ficar na escola não teria fim. A verdade é que eu não gostava de acordar cedo. Não por ser preguiçosa como você já deve estar pensando. Eram dois os motivos para não querer acordar com as galinhas. Primeiro: era horrível lavar o rosto na água gelada! A alternativa que encontrava era

molhar as pontas de meus dedinhos e passar nos olhos para limpá-los, o que deixava minha mãe muito irritada. Segundo motivo: não suportava beber leite quente. Por mais que eu falasse que leite quente me doía o estômago, os adultos em casa ou na escola sempre me obrigavam a bebê-lo.

Imagino que você não deve dar tanto trabalho aos seus pais para ir à escola, pois sempre vejo você na sala de aula com uma expressão serena. Não são apenas seus olhos e o leve sorriso que me chamam a atenção. Observo também a sua amiga que senta atrás de você. Apesar de olhar para a minha direção, olha sem me ver, como que por uma fração de segundo ela não tivesse notado na verdade minha presença. Seja lá o que estava a escrever ou ler deveria ser muito interessante. Como ela se chama? Vocês brincam muito no intervalo? Nossa! Estou fazendo todas essas perguntas e nem sei se vocês são realmente amigos, apenas fiz uma suposição por sentarem próximos na mesma fileira de carteiras. Vou chamá-la então de sua colega, pois esta é uma palavra que sugere uma aproximação sem ser aproximada demais. Mas me veio em mente nesse exato momento que vocês podem não ser amigos e nem muito menos colegas, mas sim inimigos! Daqueles que puxam nossos cabelos, que nos perseguem no intervalo para pegar nosso lanche ou pior ainda, nos isolar das brincadeiras mais divertidas em que todos participam.

Mas você não acha que a palavra “inimigo” não é forte demais? Ninguém quer ter um inimigo, ainda mais você que possui um dos sorrisos mais lindos de todo o universo. Universo!?! Você já deve ter reparado que posso ser um tanto exagerada nas palavras que utilizo. É que quando era criança a palavra “universo” era a que significava maior poder, pois ninguém sabia me explicar, nem mesmo a professora Felícia, o que havia depois do universo. Quando descobri que os físicos e astrônomos também tinham esse interesse, senti minha cabeça um pouquinho mais leve, como se tivesse compartilhado com eles todo o peso da minha inquietação.

O que vocês têm em cima da carteira são livros? Gosto muito de livros e você? Mas gosto de forma especial de alguns que me mostram o mundo e as coisas de um jeito que nunca antes havia pensado, ou que havia pensado, mas até então não tinha ninguém para compartilhar. É que considero o autor do livro como alguém muito próximo. De alguns gostaria muito de ser amiga, até mesmo daqueles que já morreram.

Já que não há como descobrir o que vocês leem, vou contar o que atualmente estou lendo. Sei que as crianças ficam impressionadas com a quantidade de páginas dos livros. Então vamos lá: são 175 páginas. Algo que posso dizer para vocês é que pode parecer muito, mas à medida que os anos passam e crescemos, cento e tanto não é um número tão gigantesco assim. Quem escreveu foi Roland Barthes, e o livro se chama *A Câmara Clara*. É uma tentativa de descobrir o que é a fotografia em sua essência, ou seja, o que ela tem de mais profundo. Considero este livro interessante Ernest, pelos seguintes motivos: apesar de ter sido escrito há muitos anos, tenho a sensação de estar acompanhando o raciocínio do autor no momento da escrita. É como se eu tivesse feito uma viagem

no tempo para o passado ou ele tivesse vindo para o futuro ao meu encontro. E também pelo fato de que ao olhar para uma foto ele se espantava, assim como tantas vezes eu me espantei. A diferença é que eu não tinha ideia da intensidade de reflexões que poderiam surgir a partir dessa sensação de estranhamento. Daí é que me pergunto: como ele conseguiu ter essas ideias tão interessantes? Que caminho percorreu para ter sido a pessoa que foi e escrito este livro? São perguntas muito difíceis.

Barthes colocou no livro algumas fotos que mexiam com ele, que de alguma forma despertava a imaginação e curiosidade. Você, Ernest, algum dia olhou para uma foto em que havia pessoas desconhecidas e teve vontade de conhecê-las? Ou paisagens pelas quais você nunca passou, mas teve vontade ou sensação de estar lá? Pois é... Barthes fala sobre tudo isso e o mais incrível é que algumas fotos que ele apresenta, mexem comigo também, mas de formas diferentes.

E foi em uma dessas fotos que encontrei você, Ernest. Você está lá na página 126. Não sei se lembra, mas quem tirou sua foto foi o fotógrafo Kertész em Paris, no ano de 1931. A sala de aula, o lugar onde foi feita a foto, tem carteiras de madeira e os casacos pendurados em último plano demonstram que era um dia frio. Já era inverno, Ernest? Imagino que não, pois você não estaria de bermuda. Mas não é ao espaço que meu olhar e imaginação se prendem. Por uns bons dias tentei diferenciar o seu olhar da menina do segundo plano. São tão diferentes!

Está curioso para saber o que Roland Barthes escreveu sobre você? Em 1979, ano em que escreveu o livro, ele se perguntava muito se era possível você estar vivo. Mas isso não é o que me preocupa. Pelas minhas contas hoje 17/08/2011 você pode estar mais ou menos com 86 anos. Não me esforço para pensar no que se tornou e onde está agora. Queria conhecê-lo assim como meus olhos alcançam: criança de semblante tranquilo e com uma das mãos levemente posicionada na carteira. Suas mãos! Como é possível um garoto da sua idade se expressar de forma tão intensa com elas. Para mim é um mistério o que os seus dedos querem dizer com a flexão que fazem em contraste com o tom escuro de sua roupa. Tento encontrar as palavras, mas não consigo.

Fico me perguntando quais são suas brincadeiras favoritas, a roupa que de não gosta e a comida que te deixa enjoado. De alguma forma, quero me encontrar criança na sua infância. Essa é a única carta que lhe escrevo, mas sei que dedicarei meu olhar ao seu por um bom tempo (Fávori, 2012: 279).

Para além das indagações que tinham sido propostas durante a Iniciação Científica, a escrita da carta começava a nascer como problema.

Roland Barthes investigou a linguagem ao longo de suas obras por diferentes perspectivas teóricas. “A Câmara Clara” é o último livro publicado em vida e representa um momento de síntese e ao mesmo tempo de ruptura:

Pela trajetória do autor, espera-se que o livro ofereça um debate sobre o estatuto do signo fotográfico, mas, numa primeira leitura, podemos tomá-lo como um romance cujo personagem-narrador comenta de modo fragmentário as experiências com algumas fotos que atravessam seu caminho (Entler, 2006: 4).

Barthes como “personagem-narrador” tratou de suas experiências após uma longa trajetória de estudo teórico acerca da escrita e da linguagem (Entler, 2006) e não foi necessário ler esta explicação antes de “A Câmara Clara”, para sentir no texto a manifestação de experiências acerca da escrita. Pode parecer improvável para estudantes sair do uso habitual, mas Barthes (1984) nos prova que outras abordagens são possíveis, desde que deixemos um pouco nosso objeto de interesse falar por si.

Seu último problema foi a fotografia, mas, a escrita não ficou separada do contexto do seu pensamento. Como mencionado por Entler (2006), mais que uma análise sobre a fotografia, o que encontramos na obra está próximo de um romance. Assim nossa justificativa pode ser contemplada no amplo movimento de pensamento e de apresentação das singularidades barthenianas.

A obra nasceu pela força de um desejo, mas ao mesmo tempo pelo luto. Seu desejo por compreender a essência da fotografia já existia, mas a morte recente da mãe fazia com que desejo e luto estivessem muito próximos. Na tentativa de reaver a história de vida e os passos maternos por meio das fotos, o autor se deparou com a imagem dela quando pequena. Intitula como a fotografia do “Jardim de Inverno”, havia algo ali que despertava afetos diferentes de outras tantas fotos.

No livro há diversas imagens, tiradas por vários fotógrafos, mas justamente a principal e a que o moveu com intensidade, não é exposta aos leitores. O motivo? Porque o que nos move em uma determinada fotografia é o afeto, que nunca existirá em outros seres na mesma intensidade como a que o marcou. O objeto/personagem principal é descrito por alguém que viu a fotografia, ou seja, sua subjetividade infiltra-se no leitor por uma questão de curiosidade, pelo desejo de entender o olhar do outro pelas palavras.

A “Câmara Clara” é dividida em duas partes. A primeira trata sobre detalhes de fotografias gerais, encontradas em revistas e livros que o

despertavam pelas sensações do desejo. Também encontramos aqui a definição de *punctum* e *studium* para diferenciar seus pensamentos referentes a essas fotografias, pois até então análises sociológicas e históricas não eram suficientes para tratar de questões tão singulares. Na segunda parte, há ampliação do conceito *punctum*, não apenas mais entendido como detalhe que desperta afetos, mas parte de uma foto privada marcada pelo paradoxo retido na imagem de que nela coexistem dois tempos: a realidade e o passado. A menina-mãe existe e a menina-mãe não existe mais (Barthes, 1984).

De início a essência da fotografia parece ser o objetivo central para se perder nas particularidades do texto e voltar novamente a ser buscada. Assim como não é fechado o entendimento de Barthes sobre o conceito de realidade e sobre tantas idas e vindas da forma como se trata o referente (Entler, 2006), o objeto e o significado nas fotografias. “A Câmara Clara”, como última obra do autor, revela que esse movimento é coerente com o caminho intelectual que percorreu.

Como destaca Perrone-Moises (2012: 18), Barthes passou pela semiologia e estruturalismo, pela literatura socialista até chegar ao pós-estruturalismo. Caminho que não é evidência de multidisciplinaridade, mas de amadurecimento intelectual. De cada linha teórica conservaram-se lições, mas sempre com intenção de tratar sobre problemas que se repetem ao longo de seu pensamento, como o realismo, a história, etc.

Na perspectiva teórica adotada há o diálogo com outros autores e a criação conceitual e leituras de imagens a partir de seus conceitos. É mencionado que a fenomenologia clássica é o seu ponto de partida, mas que não contempla seu estudo total da fotografia (Perrone-Moises, 2012). Talvez o autor, por tratar de seus verdadeiros problemas e ter a ousadia de criar caminhos para explicá-los, dê a chance que se formulem palavras que vão ao encontro dos problemas de tantos outros que não conseguiram criar seu próprio caminho.

Vamos então à explicação de como desejou desenvolver o problema fotografia. A primeira definição encontrada para fotografia é que ela é inclassificável, apesar de fazer parte de estudos empíricos, retóricos e estéticos (Barthes, 1984). Descartadas essas análises que são utilizadas comumente, a

questão é saber então qual pode ser o caminho que o autor segue na obra para tratar da fotografia, por isso então a expressão “inclassificável”:

Os livros que tratam dela, aliás muito menos numerosos que os relativos a qualquer outra arte, padecem dessa dificuldade. Uns são técnicos; para *ver* o significante fotográfico são obrigados a acomodar a vista de perto. Outros são históricos ou sociológicos; para observar o fenômeno global da Fotografia, estes são obrigados a acomodar a vista muito longe. Eu constatava com o desagrado que nenhum me falava com justeza das fotos que me interessam, as que me dão prazer ou emoção (Barthes, 1984: 16-17).

Para Barthes (1984), leituras técnicas da fotografia implicam o que ele denomina como redução do *corpus* em supressão do corpo singular que se visualiza. A compreensão da “redução do *corpus*” da fotografia, que Barthes tanto critica, fica mais clara quando é dado o exemplo de como geralmente vemos uma foto, e a linguagem estabelecida assim que entramos em contato com a imagem:

Mostre suas fotos a alguém: essa pessoa logo mostrará as dela: *Olhe, este é meu irmão; aqui sou eu criança; etc.*; a Fotografia é sempre apenas um canto alternado de *Olhem, Olhe, Eis aqui*; ela aponta com o dedo um certo *vis-à-vis* e não pode sair dessa pura linguagem dêictica. É por isso que, assim como é lícito falar de uma foto, parecia-me improvável falar da fotografia (Barthes, 1984: 14, grifo do autor).

Em oposição ao campo técnico que só faz reduzir o *corpus* de desejo é estabelecida, pelo termo “referente”, a primeira característica de análise de fotografias da proposta de Barthes. O “referente” na fotografia denota que “não há foto sem alguma coisa ou alguém” (Barthes, 1984: 16). Essa característica “leva a fotografia para a imensa desordem dos objetos – de todos os objetos do mundo: por que escolher (fotografar) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?” (Barthes, 1984: 16). São tantas as possibilidades de ver o objeto pela fotografia, que “Seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos” (Barthes, 1984: 16), mas sim a desordem dos objetos.

Diante então de fotos, Barthes queria tratar apenas sobre os objetos diversos que desejava. A esses pensamentos e desejos daquele que vê,

empregou-se a denominação “Particular absoluto.” (Barthes, 1984: 13). A dificuldade parece justamente em fazer essa leitura do particular absoluto após tantas respostas dadas pelas ciências, como no caso de interpretações sociológicas ou como opiniões do mundo da fotografia de amadores.

A solidão do autor se fazia, então, pela não concordância com as respostas dadas pela ciência:

Conclui então que essa desordem e esse dilema, evidenciados pela vontade de escrever sobre a Fotografia, refletiam uma espécie de desconforto que sempre me fora conhecido: o de ser um sujeito jogado entre duas linguagens, uma expressiva, outra crítica; e dentro desta última, entre vários discursos, os da sociologia, da semiologia e da psicanálise – mas que, pela insatisfação em que por fim me encontrava em relação tanto a uns quanto a outros, eu dava testemunho da única coisa segura que existia em mim (por mais ingênua que fosse): a resistência apaixonada a qualquer sistema redutor (Barthes, 1984: 18 - 19).

Entre optar pela redução dos seus pensamentos fazendo-os encaixar a outros sistemas já aceitos pela comunidade científica, a escolha é pela possibilidade de formular uma teoria unicamente para seu objeto, na qual denomina como uma ideia bizarra por ser uma tentativa de tratar seu objeto entre a subjetividade e a ciência. Nesse longo exercício de sentir a linguagem de forma inconstante, Barthes passa pela consistência, redução, reprimenda, o abandono e enfim a procura por outros modos (Barthes, 1984: 19).

De forma parecida percebemos “Carta a Ernest” entre essas duas linguagens: a expressiva e a crítica. Crítica pelo domínio da educação por qual estamos envolvidos e expressiva por querer fazer escrita através dos diálogos travados e sentidos com o personagem Ernest. Nosso desafio, então, estaria em colocar o expressivo dentro do crítico e/ou em mostrar que o expressivo também pode ser crítico. Dessa forma, as linhas seguiram um caminho: o expressivo assumindo o lugar do crítico, e o crítico reivindicando o lugar do expressivo, até o momento em que um não sabia mais ao certo o lugar e os limites que ocupava.

A carta, então, surgiu paralelamente ao interesse de encontrar nosso próprio *punctum*, após serem dados tantos exemplos em fotografias de detalhes que tinham afetado Barthes. Nosso *punctum* em Ernest havia sido

encontrado já quase no final do livro, parecendo, assim, uma forma de compreender a obra e encontrando nosso próprio conceito. Escrever “Carta a Ernest” poderia ter sido importante apenas para esclarecer compreensões acerca da obra de Barthes. Mas o ato da escrita despertou algo para além do ofício de estudante que entende e explica.

A escrita da carta inicialmente parecia compreender o conceito barthesiano apenas pela compreensão de seu significado e findada a escrita dela, o *punctum* Ernest, parecia estar acabado. No entanto, a carta deslocava o pensamento a outro ponto. Não mais em Ernest como objeto entendido, mas no encantamento pela forma como Barthes havia conduzido sua escrita e criado conceitos para resolver seus próprios problemas.

A Iniciação Científica havia sido encerrada com a entrega do relatório e a “Carta a Ernest” finalizada para a disciplina, mas o pensar não parecia estar acabado. Os pensamentos que partiam da carta não cessaram. O problema não estava mais restrito à preocupação em fazer o trabalho e de quais modos. Pela primeira vez, um trabalho da graduação incitava maiores questionamentos, depois de acabado e entregue. E quanto mais o tempo passou, maior a necessidade de encontrar respostas, ou melhor, encontrar possibilidades de novas leituras para especificar aquele exercício de escrita.

Foram tomados, então, alguns direcionamentos. Não desenvolveríamos mais estudos acerca da fotografia em Roland Barthes, mas também não seria possível esquecermos a influência da obra em termos da forma como seu autor escreveu sobre seu problema e foi capaz de criar um conceito para tratar de imagens que provocavam pensamentos e sensações. O trabalho, dessa forma, depois de “A Câmara Clara” escolheu para seu trajeto o estudo da obra “O que é filosofia?” de Deleuze e Guattari (1992) na qual se faz a defesa por uma Filosofia com o papel exclusivo de criar conceitos. Nela encontramos uma definição para conceito e como ele pode ser criado por uma perspectiva do pensamento em movimento, de forma parecida como sentimos com *punctum*.

Como todo leitor ansioso por uma resposta rápida e simples, à primeira vista nos detemos na definição de que a filosofia não é contemplação, reflexão e comunicação (Deleuze; Guattari, 1992), mas sim a criação de conceitos. A complexidade da obra posteriormente tornou-se essencial para responder a nossa hipótese, mas *a priori* aquela leitura despertou um novo olhar para o

conceito criado por Roland Barthes e que tanto fora importante para a confecção da carta.

Prosseguir com a obra “O que é filosofia?” não foi tornar nossa escrita uma tentativa de ser filosófica, mas de aproximá-la da experiência de filósofa. Imaginamos que em meio ao estudo de como Deleuze e Guattari (1992) sustentaram e elaboraram a criação de conceitos, poderiam surgir elementos que movessem o exercício de nosso olhar, da escrita e principalmente do pensamento.

Afinal, o que fez com que uma carta se tornasse tão importante, ao ponto de pensarmos até o momento sobre ela? Estabelecemos, então, a hipótese de que o *punctum* na foto Ernest desencadeou a escrita de forma vital na carta, mas que o pensamento parece mudar seu foco não mais ao que propriamente significa o conceito, mas à forma como foi criado pelo autor. A carta já estava escrita, e a revelação de nosso *punctum* da fotografia satisfeito. Mas o *affecto* (Barthes: 1984) não estava findado, ele parecia partir da fotografia para convergir no objeto escrita.

O novo *punctum* foi a experiência de escrita da carta e a experiência de falar sobre ela, derivado do encantamento na forma como Barthes escreveu e criou. A carta dessa forma não foi um diálogo com um personagem, mas um relato de afetos e acima de tudo disparadora de novos afetos.

A criação da carta partiu do sentido do conceito *punctum*, mas a escrita transcendeu o exercício da carta para ganhar corpo sobre ela mesma, ao entrar em contato com uma perspectiva de conceito que tem como fundamento a filosofia e o pensamento resultante do mergulho e enfrentamento do caos. Como afirma Silvio Gallo (2008: 19), Gilles Deleuze, filósofo francês, com o psicanalista Félix Guattari não apenas respondem à pergunta “O que é a filosofia?” Criam com essa obra “[...] um estilo de produzir filosofia”.

Além de um “estilo”, a obra marca a influência de uma geração de filósofos na França que, no período de 1960, produziram a partir de múltiplas referências. E por serem tantas as referências, Gallo (2008) destaca que até hoje fica difícil classificar um autor ou o grupo de autores dessa época. No caso de Deleuze, por exemplo, menciona-se que: “Se há a influência de Nietzsche, há ainda várias outras [...] Na filosofia, Deleuze bebe em Spinoza, em Bergson,

em Hume, em Kant, em Leibniz. Mas há a literatura: Proust, Lewis Carrol, Herman Melville, Sacher-Masoch.” (Gallo, 2008: 29).

Dentre essa multiplicidade que envolve o período e os autores, o que se destacou enfim para o desenvolvimento de nosso trabalho, no entanto, foram as defesas pela criação e pela busca dos pequenos detalhes, tão presentes no fundamento dessa filosofia e que se fez como primeira ponte de transição de Barthes para Deleuze e Guattari. Pois: “A filosofia de Deleuze é uma constante atenção ao mundo e ao tempo presente, a busca dos pequenos detalhes que são o que de fato importa” (Gallo, 2008: 31).

Mas não devemos nos enganar de que a defesa pela criação e pelos detalhes é uma escolha sem pretensões e ao acaso. O olhar voltado aos pequenos acontecimentos parte de uma fundamentação filosófica:

Inspirado em Nietzsche, Deleuze quer inverter o platonismo. Em lugar de buscar as formas puras expressas numa única ideia, atentar para as miríades de detalhes da sensibilidade; em lugar de buscar a contemplação do Sol, divertir-se com as múltiplas possibilidades do teatro de sombras [...] (Gallo, 2008: p.31).

Essa inversão significa não apenas a fuga das ideias verdadeiras de Platão à espera de serem um dia contempladas pelo homem. Significava, também, no amplo contexto teórico escapar “[...] do triângulo crítico (leia-se marxismo – positivismo – fenomenologia) [...]” (Gallo, 2008: 28).

Mas ao tomar nosso problema nesse percurso teórico, não mais de Iniciação Científica, mas de um trabalho da pós-graduação, como poderíamos justificar a importância da carta que parte mais pela criação e não unicamente dos pressupostos habituais de escrita científica, esta fundamentada nas normas justamente do positivismo? De acordo com Cristiane M. Marinho (2012: 202), Deleuze rejeita “[...] certezas de vocabulários apropriados e definitivos” e de acordo com a autora, a filosofia encontrada em Deleuze toma o estudo da linguagem pela recusa de sujeitos estritamente racionais, que nos remete ao Barthes escritor apegado aos afetos.

Essa escolha colocou nosso estudo em uma necessidade básica que é a de nos atentarmos ao mundo de estudante e aos detalhes da formação do pensamento que o cercam. Acreditamos que a carta desde o início

proporcionou a vivência do pensamento. Faltava ir ao encontro de uma filosofia cujas concepções tratassem com fidelidade a necessidade de pesquisar divagações não costumeiras na área educacional. Acontecimentos que passam sempre despercebidos no ofício de estudante. E essa perspectiva filosófica veio ao nosso encontro.

Esse foi o movimento da dissertação: encontrar nos conceitos *punctum* e a filosofia como criação de conceitos o que especificamente em suas composições forneceu à carta o combustível para esse movimento.

O olhar dedicado por um bom tempo fez da “Carta a Ernest” o acolhimento de conceitos para reconhecer não apenas o detalhe que despertou o pensamento, mas que fez gerar a criação de outros tantos detalhes, para que então o pensamento continuasse a se mover. E essa é a resposta final para entender o motivo de ela ser tão importante.

A dissertação aplicou-se, portanto, à necessidade de atentarmos ao mundo do estudante e aos detalhes que indicam caminhos para o pensar e para a criação. Propor trabalhos na trajetória escolar e acadêmica é estar atento a tudo o que pode surgir fora de nosso campo do previsível. Como professor é preciso estar atento para perceber que o pensamento do aluno vai além do que podemos alcançar. Como estudantes é preciso confiar no que nos afeta, mesmo sabendo que a construção do caminho para dar voz ao que nos afeta leve tempo e dedicação.

REFERÊNCIAS:

Barthes, R. (1984) **A Câmara Clara**: Nota sobre a fotografia. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

Deleuze, G; Guattari, F. (1992) **O que é a filosofia?** Ed. 34. Rio de Janeiro.

Entler, R. (2006) “Para ler A Câmara Clara” En: FACOM. Revista da Faculdade de Comunicação e Marketing da FAAP, nº 16, São Paulo, 4 – 9.

Fávori, C. E. (2012) “Carta a Ernest”. En: Oliveira, Paula Ramos; Kohan, Walter Omar (Orgs) (2012). **Biopolítica, escola e resistência: infâncias para a formação de professores**, vol2. Editora Alínea. Campinas. pp. 279-281.

Gallo, S. (2008) **Deleuze & a Educação**. Autêntica. Belo Horizonte.

Marinho, C. M. (2012) **A Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze na Filosofia da Educação no Brasil**. Tese (Pós-Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

Perrone-Moisés, Leyla. (2012) **Com Roland Barthes**. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo.